

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ruani Dos Reis Moreira

**O ECOFEMINISMO COMO CONTRAPONTO DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER
NA PRODUÇÃO DOUTRINÁRIA DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS.**

Artigo apresentado ao Bacharelado
Interdisciplinar em Ciências Humanas, da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Nome do Orientador: Marcos Vinícius Ferreira de
Oliveira

Juiz de Fora,
2025.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Ruani dos Reis Moreira, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202372104A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM E DOS PAPÉIS RESERVADOS À MULHER NA PRODUÇÃO ESCRITA SOB CHANCELA DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS**, desenvolvido durante o período de 09/06/2025 a 09/08/2025 sob a orientação de MARCOS VINÍCIUS FERREIRA DE OLIVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, _____ de _____ de _____

Ruani dos Reis Moreira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O ECOFEMINISMO COMO CONTRAPONTO DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NA PRODUÇÃO DOUTRINÁRIA DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS.

Ruani dos Reis Moreira¹

RESUMO

Este trabalho tem como foco analisar a forma como instituições religiosas neopentecostais exercem uma espécie de tutela sobre a imagem pública da mulher, influenciando e moldando comportamentos e papéis sociais com base em interpretações bíblicas. O objetivo principal da pesquisa é investigar a visão da mulher evangélica presente em produções escritas por igrejas e autoras cristãs, pautadas em uma leitura tradicional das Escrituras. Em contraponto, será analisada a obra *Teologia Ecofeminista: Ensaio para Repensar o Conhecimento e a Religião*, da teóloga Ivone Gebara, que propõe uma crítica a essa visão patriarcal. A autora apresenta o ecofeminismo como uma corrente teológica alternativa, que visa desconstruir estruturas de dominação e propor uma abordagem que una justiça social, cuidado com o meio ambiente e igualdade de gênero. A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho é a pesquisa bibliográfica, com análise crítica dos textos religiosos e da produção de Ivone Gebara. Espera-se que os resultados revelem como o discurso religioso tradicional colabora para o controle da imagem pública da mulher e de que forma a teologia ecofeminista pode se constituir como ferramenta de resistência, permitindo a construção de uma nova visão sobre o papel feminino dentro e fora das instituições religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem da Mulher. Gênero e Religião. Teologia Ecofeminista. Patriarcado Religioso. Ivone Gebara.

1. INTRODUÇÃO

A motivação desta pesquisa surgiu de um incômodo. A partir de leituras destinadas a construir um padrão de comportamento destinado à mulher evangélica e da minha própria experiência pessoal enquanto mulher evangélica, comecei a observar as distâncias estabelecidas entre a construção de uma imagem idealizada da mulher e uma realidade, cujas práticas resultam em violência simbólica, silenciamento e repressão para que as mulheres possam ser “enquadradas” nos moldes preconizados pela produção doutrinária a elas destinada. Essa dupla combinação me permitiu vivenciar as complexidades do que se convencionou chamar de “bolha religiosa” e perceber como as mulheres são as mais afetadas pelos desafios impostos pelas exigências de uma conduta voltada para a submissão dentro da doutrina cristã. Em razão do quadro desenhado acima, pretendemos, a partir da leitura do livro *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião* de Ivone Gebara, discutir algumas das mais importantes determinações institucionais que procuram elaborar a imagem pública da mulher nas igrejas neopentecostais, a fim de transformá-la num modelo idealizado de mulher, esposa e mãe. A estrutura deste trabalho será dividida em três partes. Na Introdução, apresentamos o tema, a justificativa da escolha, os objetivos e o percurso desta pesquisa. No Desenvolvimento, discutiremos sobre o conceito de ecofeminismo na teologia, sob a ótica do livro *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião* de Ivone Gebara, que será o principal objeto de debate deste artigo, visto que ele estabelece um importante contraponto da visão doutrinária desenvolvida tanto na produção escrita resultante das interpretações neopentecostais da Escrituras Sagradas quanto por autoras identificadas como evangélicas, nas quais procuram chancelar, por meio dos seus escritos, “como deve ser a mulher cristã”. A partir disso, iremos percorrer o debate do ecofeminismo, examinando como essa abordagem crítica desafia as construções teológicas e filosóficas

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: 70258828609@estudante.uff.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira

herdadas do patriarcado, especificamente no âmbito religioso. Nas considerações finais, discutimos como essa perspectiva ecofeminista pode servir como contraponto discursivo à pregação evangélica tradicional, que muitas vezes reforça hierarquias entre o homem e a mulher, entre o ser humano e a criação, alimentando uma visão de mundo que legitima a exploração em nome de um suposto “mandato divino”. Portanto, é importante ressaltar que buscamos também analisar criticamente como o livro de Gebara reforça o diálogo com outros textos de autoras ecofeministas e se contrapõe à produção escrita por mulheres evangélicas, levando à problematização das perspectivas doutrinárias que têm como única finalidade disciplinar os papéis reservados à mulher cristã. Desse modo, nossa discussão volta-se para a observação do modo pelo qual essa ação disciplinadora influencia negativamente a vida das mulheres em sociedade, pois, para que elas cumpram o percurso de enquadramento no modelo pretendido pela doutrinação, as mulheres acabam por se submeterem a um cenário que naturaliza aspectos que podem ser facilmente classificados como violência de gênero e misoginia. Todavia, a proposta deste estudo não é apenas a de enfrentar o modelo proposto nesta doutrina ensinada por livros como “Esposa Excelente” de Martha Peace, “A Mulher Controlada pelo Espírito” de Beverly LaHaye, e textos bíblicos referentes ao papel da mulher cristã, mas, sobretudo, a partir das perspectivas levantadas pela autora Ivone Gebara a respeito do ecofeminismo.

Em suma, o ecofeminismo é uma abordagem que combina os princípios da ecologia e do feminismo, buscando compreender e abordar as interconexões entre a opressão das mulheres e a degradação do meio ambiente. Essa perspectiva reconhece que as mesmas estruturas que dominam e exploram as mulheres também são responsáveis pela natureza. Conforme Gebara (1997), “o ecofeminismo propõe uma nova ética da vida, na qual a relação entre seres humanos e natureza é baseada no cuidado, na solidariedade e no respeito mútuo, rompendo com as hierarquias de poder que oprimem tanto as mulheres quanto o meio ambiente” (GEBARA, 1997, p. 110). Assim, o ecofeminismo emerge como uma corrente de resistência e transformação, fundamental para repensar as relações de gênero, poder e sustentabilidade na contemporaneidade.

2. DESENVOLVIMENTO

A subordinação das mulheres aos espectros de poder concentrado no domínio masculino nas igrejas neopentecostais é uma questão que transcende os limites religiosos, afetando profundamente a sociedade como um todo. Sob um viés de idealização da imagem pública da mulher, essas igrejas apresentam suas visões e pautam seus dogmas nas Escrituras Sagradas, ou seja, tomam a Bíblia Sagrada como livro principal das suas posições doutrinárias. De acordo com Ivone Gebara (1997), fora da natureza e superior aos humanos, Deus impõe suas vontades, determina os limites de comportamento, legisla, castiga e salva. (GEBARA, 1997.p.79). Essa visão, frequentemente associada a uma leitura patriarcal das Escrituras, contribui para a manutenção de estruturas de poder que legitimam desigualdades, especialmente no que diz respeito à mulher. Ao destacar essa crítica, Gebara propõe repensar a imagem de Deus e da religião a partir de uma perspectiva ecofeminista, que busca uma relação mais horizontal, inclusiva e integrada entre divindade, seres humanos e natureza. Portanto, analisar as Escrituras Sagradas é importante, pois elas se mostram como “guia para vida” da mulher cristã, mesmo que foram escritas e dirigidas a muitos anos atrás por homens. Geralmente, as versões mais utilizadas são Almeida Revista e Corrigida (ARC) conhecida por ter fidelidade ao texto tradicional do hebraico e Almeida Revista Atualizada (ARA) também comum entre os evangélicos, embora existam outras versões, também utilizadas. Nesse sentido, a religião se mostra como uma grande força potencial na vida das pessoas, pois de acordo com Richter Reimer (2013):

“Ela carrega em si o poder de organizar e estruturar as relações de vida não apenas das pessoas e entre as pessoas, mas também delas em relação à casa maior que é o mundo” (REIMER, 2013, p. 89).

Ivone Gebara (1997) no seu livro “Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião”, defende em sua obra que a religião é um recurso último diante do desespero, de segurança, de necessidades, de esperança, no qual, um Deus poderoso serve de abrigo à violência do cotidiano. (GEBARA, 1997, p. 79). Ou seja, para Gebara, a religião funciona como um recurso de refúgio diante das dores e das inseguranças da vida, oferecendo, por meio da figura de um Deus poderoso, amparo frente à violência cotidiana. O historiador e pesquisador Emerson Borges, em um programa “Um Tom de Resistência”, na TV 247, sobre um debate presente entre estudiosos a respeito da Escrituras Sagradas, relata que: “ela é um livro escrito por homens da época, homens tribais, simples, rudes, que criaram um deus e um sistema religioso que refletiam a própria

personalidade deles. Eram homens homofóbicos, xenofóbicos, machistas, genocidas, que destruíram civilizações e promoviam guerras terríveis". Por esse caminho literário das Escrituras Sagradas, escrito somente por homens há milhares de anos, encontram-se trechos da "voz de Deus" na história da criação de Adão e Eva, escrito supostamente pelo profeta judaico - cristão Moisés, se referindo à mulher nos seguintes termos:

"(...) Seu desejo será para o seu marido e ele a dominará."
(BÍBLIA, Gênesis 3-16, tradução NVI.)

O verso acima pertence ao contexto da criação do mundo, sendo relatado que a figura da mulher foi o primeiro ser vivo a "pecar" ou seja, a desobedecer ao controle que deveria ficar centrado no ser Divino. Então, no mesmo versículo surge uma menção ao castigo de Deus em forma de consequência para a mulher. A sua condição de dominada, portanto, é esse "castigo", a "consequência" da sua desobediência. A mulher será dominada, terá sua condição definida como decorrência da sua ousadia, por ter "desobedecido" uma imposição cujo intuito era o de torná-la cativa. Outrossim, nota - se que o termo usado para capturar o aspecto mais relevante da individualidade feminina é o "desejo". Se pensamos no "desejo" pela perspectiva que lhe deu a psicanálise freudiana, saberemos que o desejo visa a sua realização ou a sua satisfação. A concretização do desejo deve trazer ao indivíduo uma sensação de prazer, já que o desejo insatisfeito é vivido como uma tensão interna e a satisfação consistiria precisamente em suprimir essa tensão, alcançando o objeto capaz de acalmá-la. Esse entendimento dialoga com Ivone Gebara que explica que são as mulheres são vistas como as mais "inclinadas ao pecado" ou desobediência a Deus, o que isto pretende é, de fato, justificar a "submissão" delas ao homem, transferir o controle do "desejo" para a justificação de todo o sistema religioso.(GEBARA,1997).

A autora evangélica Martha Peace em seu livro "Esposa Excelente" escreve que "a vontade de Deus para cada esposa cristã é que seu mais importante ministério seja para o seu marido."(PEACE, p.16,2009). Grosso modo, o "objeto" do desejo da mulher configura-se na imagem do "marido", a quem a mulher deve se dedicar e obedecer. Então, Gebara relata que "Mulher e natureza foram consideradas inferiores ao varão, colocado no degrau mais importante na hierarquia dos seres."(GEBARA,1997,p.84). A autora destaca que, dentro da lógica patriarcal religiosa, o desejo feminino é direcionado ao marido, a quem se deve obediência, reforçando a ideia de inferioridade da mulher e da natureza em relação ao homem, posicionado no topo da hierarquia dos seres. Nesse sentido, relaciona - se as "mulheres com corpo, sexo, terra, fraqueza e "inclinação ao pecado", seres que devem ser dominados; enquanto a masculinidade é identificada como poder, espírito e mente soberana sobre mulheres e natureza."(RUETHER apud CANDIOTTO, 2012, p. 1404). Portanto, como contraponto dessa percepção hegemônica no universo neopentecostal, Gebara retrata que:

" À luz do feminismo e da ecologia a compreensão da religião como forma de exorcizar o medo da natureza..."(GEBARA, 1997, p. 84).

Logo, está autora traz o conceito de ecofeminismo como uma abordagem de resistência ao sistema religioso, cujo interesse é o de mostrar "a associação entre a dominação das mulheres e que a dominação da natureza é própria das culturas patriarcais, particularmente da cultura ocidental"(CANDIOTO, 2012, p. 1397). Outrossim, não custa recuperar a informação de que os fiéis dessas igrejas fundamentam seus argumentos a respeito dos papéis de gênero nos escritos de um dos apóstolos de Jesus Cristo conhecido como São Paulo, que em uma de suas cartas endereçadas às igrejas da época antiga, a respeito dos deveres conjugais, ressalta pontos como ;

"As mulheres são submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido(...)"

(BÍBLIA. Efésios 5 - 22, tradução ARA)

Nesse sentido, esses discursos ideológicos são os que perpetuam a hegemonia masculina vigente dentro do ambiente religioso. Nessa perspectiva, trata que "a natureza é representada por imagens femininas, enquanto a divindade é masculina" (HOORNAERT, 2014, p. 47-51). Esse pensamento simboliza uma essencialização dos atributos femininos à esfera do corpo, da terra, da emoção e da passividade, ao passo que associa o masculino ao espírito, à razão e ao domínio sustentando, assim a ideia de que o homem está mais

próximo do divino, enquanto a mulher permanece ligada ao plano natural e terreno. Tais concepções reforçam a dicotomia entre masculino e feminino, associando o homem à razão e ao divino, enquanto a mulher é reduzida à esfera do corpo e da natureza, sustentando uma teologia hierárquica e excludente, como crítica Gebara (1997). De acordo com a autora, fora da natureza e superior aos humanos, Deus impõe suas vontades, determina os limites do comportamento, legisla, castiga e salva. (GEBARA, 1997.p.79). Retomando a questão sobre a dicotomia entre o sagrado masculino e o profano feminino, observa -se que isso não apenas legitima a desigualdade de gênero nas instituições religiosas, mas também repercute socialmente, influenciando as relações entre homens e mulheres na cultura mais ampla. Para reforçarmos nosso argumento e ampliarmos o conhecimento das doutrinas, tomamos outro livro de ensino cristão, intitulado “A Mulher controlada pelo Espírito”, de Beverly LaHaye, que traz afirmações como:

“Existem três modos de vestir: (1) o estilo incitante, sedutor, com apelo para o sexo; (2) o estilo livre, que não seduz nem atrai, e que geralmente não é muito adequado, mas permite à mulher “ficar na dela” e manifestar sua rebeldia; (3) o estilo feminino e recatado que é belo e condizente, para quem os usa. O estilo “sexy” é representado por saias curtas, shorts, roupas justas demais, decotes baixos que pouco deixam de resto para a imaginação masculina, e acabam-se tornando mais sedutores que bonitos. O estilo livre pode ser qualquer coisa, desde as calças jeans desbotadas até as roupas de estilo bem masculino. Estes dois modos de vestir podem atrair os olhares dos passantes, mas nunca de admiração. O estilo feminino é representado por roupas recatadas, que sejam elegantes e bonitas e que apresentem a mística feminina, que enaltece o homem. Precisamos ser recatadas, belas, atraentes, e, acima de tudo, femininas, como Deus nos fez...acredito que algumas mulheres não estejam conscientes do efeito que suas roupas produzem nos homens.”(LAHAYE,1981,p.27).

Essa autora cristã reforça a ideia de feminilidade atrelado ao fato de que as mulheres devem se vestir de certa maneira para evitar atrair ou seduzir os homens, ou seja, a responsabilidade pelo comportamento dos homens é colocada na mulher, sugerindo que homens não têm controle sobre suas próprias vontades e desejos. Esse tipo de pensamento não apenas responsabiliza a mulher pela reação do homem, mas legitima práticas sociais de controle, obediência aos códigos de vestimentas da igreja, a censura, o julgamento moral e até a violência. Isso posto, expressa de forma clara uma lógica profundamente enraizada no patriarcado: a objetificação da mulher a partir do olhar masculino e religioso, que atua como normativo e controlador. Outra questão que Gebara debate em sua obra, é o fato de que as mulheres assumem uma “cultura de obediência” sem lugar de fala e poder de escolha (GEBARA,1997,p.88). Este argumento de que as mulheres estão inseridas em uma cultura de obediência promovida por discursos religiosos patriarcais faz sentido, uma vez que são silenciadas, privadas de voz e autonomia em suas escolhas e vivências no contexto social e religioso. Essa lógica contribui para a construção de uma imagem pública feminina moldada pela submissão e pela negação do desejo, o que o ecofeminismo busca desconstruir ao propor uma teologia que valorize a experiência, a liberdade e a dignidade das mulheres em relação equitativa com o meio e com o divino.

Portanto, falas como esta de LaHaye (1981) que naturalizam a submissão feminina e apagam a sua subjetividade. A autora aborda que a mulher deve ser “recatada” e “atraente”, mas não para si mesma, e sim em função do homem — da maneira como ele a vê, a deseja, a aprova ou a rejeita. A subjetividade da mulher — seus desejos, gostos, vontades e preferências — é desconsiderada. Então, nesse contexto religioso, a roupa é transformada num instrumento regulador de moralidade e sexualidade feminina conforme o padrão masculino, invés de ser uma expressão de identidade. Logo, esse apagamento da subjetividade da mulher é uma forma de violência simbólica. Dessa forma, se manifesta na negação da mulher como sujeito de si mesma, reduzindo-se a um corpo que deve se moldar ao desejo alheio. Assim, o uso da religião como base para o controle do corpo feminino é outro mecanismo opressor, pois retira da mulher até mesmo o direito à contestação — afinal, estaria ela indo contra uma “ordem divina”.

Devido à essa interpretação limitada e restritiva da espiritualidade, algumas igrejas como forma de controle adotam códigos de vestimentas rígidos para as mulheres pois acreditam que é uma forma de santidade a Deus. Na perspectiva de Ruether (2014, p. 177), o movimento feminista confronta “o paradigma de toda a teologia cristã clássica baseada em dualismos hierárquicos do espírito sobre o corpo, identificado com o masculino sobre o feminino”. Sob esse viés de dualismos de gênero, a mulher é associada à natureza que, para muitos antropólogos, tanto a natureza como as mulheres são apreendidas como realidades inferiores à cultura, a qual é associada aos homens. “RUETHER (2000a, p. 13). Enquanto a figura masculina, ou seja, do homem, se encontra na divindade, o autor acrescenta que “O Deus patriarcal da Bíblia hebraica, definido como exterior e

contrário ao mundo material, como seu Criador e Senhor, quando fundido com o dualismo filosófico grego do espírito e da matéria é visto como o principal mito de identidade do homem ocidental da classe dominante".(RUETHER, 2000, p. 12). Outrossim, os discursos pregados nas igrejas neopentecostais têm tido impactos nos meios sociais e vêm produzindo sérios problemas na vida cotidiana das mulheres como "casos concretos de violência conjugal não podem ser denunciados, porque algumas igrejas conclamam as mulheres a evitar o escândalo público." (GEBARA,p.99,1997). Segundo a autora, tudo isso é causado porque os conteúdos teológicos sublinham a superioridade masculina e a importância da obediência das mulheres à autoridade patriarcal e seu papel de manter a harmonia familiar, uma vez que, fortalecendo esse pensamento, apresentam como consequências do que nomeiam como "submissão" os casos de mulheres sofrendo violência doméstica e sendo ocultadas por determinadas igrejas neopentecostais. Pois assim, "o discurso universalista sobre a bondade de Deus encobre as diferentes maldades."(GEBARA,p.87, 1997). A partir da crítica de Gebara (1997), observa-se que o discurso religioso sobre a submissão feminina pode naturalizar contextos de violência doméstica, especialmente quando determinadas igrejas neopentecostais silenciam ou minimizam esses casos em nome da preservação da estrutura familiar. O uso de um discurso universalista sobre a bondade de Deus, como aponta a autora, atua como um véu que encobre injustiças e perpetua a opressão de mulheres, impedindo que suas dores sejam reconhecidas e legitimadas no espaço religioso. Em contrapartida, originado no fim 1970, o conceito de Ecofeminismo vem enraizado nos movimentos sociais e políticos da França com o intuito de conectar lutas por uma "transformação das relações de poder entre homens e mulheres também à necessária mudança das relações humanas com o ecossistema" (Richter Reimer, 2019, p. 121 e 129). Outrossim, a autora Reimer (2019, p. 129) destaca que nos movimentos feministas é onde "iniciou os estudos teológicos sobre Ecologia, especificamente em perspectivas ecofeministas". Nessa linha abordada, o ecofeminismo vem com uma proposta de "um novo paradigma de organização social frente aos problemas ambientais" (Flores e Trevizan, 2015, p. 11-12). Em consonância com a autora Ivone Gebara, adentrando sobre as questões da teologia ecofeminista, ela acredita que "devemos questionar os grandes dogmas teológicos usando a experiência diária da mulher, e ela oferece interpretações radicais de tais dogmas." (RUETHER, 2014, p. 180). De acordo com Candiotto (2012, p. 1397), um dos pontos principais do ecofeminismo é "ter mostrado que a associação entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza é própria das culturas patriarcais, particularmente da cultura ocidental".

No livro "Teologia Ecofeminista: ensaios para repensar o conhecimento e a religião", Gebara crítica fortemente o conceito de antropocentrismo e o androcentrismo, pois estão "especialmente presente na tradição cristã, e nós tornamos cúmplices e legitimadores da destruição das matas, dos rios, animais, e grupos humanos marginais". Por esse caminho, ela introduz a temática final da obra sobre a importância da biodiversidade religiosa, discorrendo que:

"Ela refere - se a responsabilidade comum de assumir a salvaguarda da natureza na sua complexidade biológica. Responsabilidade pela vida de todos os grupos humanos, por esse Corpo Vivo ao qual pertencemos." (GEBARA,1997, p. 110).

Portanto, a religião também deve ultrapassar a "ponte" do quesito social e se preocupar também com o meio ambiente como um todo, visando ao cuidado ecológico com a natureza e a conservação dos recursos no planeta. A biodiversidade religiosa também aborda sobre a importância do respeito às tradições religiosas do outro, e que não há uma "verdade absoluta", mas vários modos de pensar. Sob esse viés, "implica uma postura de humildade a partir da qual não pode haver poderes absolutos que comandam o sentido da vida ou a arte de tecer sentidos..."(GEBARA,1997, p.108). A autora Ivone Gebara destaca fortemente a ausência de uma preocupação e o cuidado com a natureza e os seres vivos na religião cristã, uma vez que a experiência religiosa tratada nas Escrituras Sagradas, como os salmos, cita seres vivos e o ambiente da natureza como parte da experiência religiosa.(GEBARA,1997,p.92). Ela argumenta que a religião cristã muitas vezes negligencia a importância da criação e do cuidado com o meio ambiente, ignorando a rica tradição bíblica que valoriza a natureza e os seres vivos como parte integrante da experiência religiosa. Gebara também enfatiza que essa negligência pode ter consequências negativas para o meio ambiente e para as comunidades que dependem dele. Ela defende uma abordagem mais holística e integrada da religião, que reconheça a interconexão entre a espiritualidade e a natureza.

Essa perspectiva é especialmente relevante no contexto do ecofeminismo, que busca estabelecer conexões entre a opressão das mulheres e a degradação ambiental. Ao destacar a importância da natureza na experiência

religiosa, Gebara contribui para uma compreensão mais profunda das interconexões entre a espiritualidade, a justiça social, igualdade entre gênero e a sustentabilidade ambiental.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica das produções escritas de autoras evangélicas nos conduziu por caminhos que favoreceram a percepção do seu caráter essencialmente doutrinário. Essa produção forma parte de um *corpus* voltado ao objetivo de “disciplinar” a conduta da mulher evangélica, tanto no âmbito doméstico quanto no espaço público. Os textos, como pudemos observar, têm um tom predominantemente preditivo, funcionando quase como “cartilhas” para que a mulher se conduza no caminho do que as instituições evangélicas consideram “virtuoso”. No entanto, quando confrontamos tais textos com a obra Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião, escrito pela teóloga feminista brasileira Ivone Gebara, percebemos que as construções discursivas chanceladas pelas igrejas evangélicas reforçam o poder patriarcal, com claro intuito de perpetuar a submissão feminina e apagar a subjetividade da mulher. Logo, considerando os objetivos desta pesquisa, pensamos ter contribuído para o debate acerca da construção da imagem da mulher, ao jogarmos luz sobre a estratégia que embasa a prática preditiva e faz com que vários discursos religiosos promovam a objetificação da mulher e a legitimação e práticas sociais de controle, censura e até mesmo de violência. Outrossim, incluir a pauta trazida por Gebara sobre as ideias do ecofeminismo também foram cruciais para as discussões sobre igualdade de gênero e os estereótipos sobre a feminilidade. Além disso, foi possível identificar a influência da religião como mecanismo opressor na construção de papéis sociais de gênero.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Efésios 5:22**. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Disponível em; <https://www.bible.com/pt/bible/1608/EPH.5.22-33.ARA> Acesso em: 4 de julho. 2025.

BÍBLIA. Gênesis 3:16. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/nvi/gn/3> Acesso em 13 de jun. 2025.

BORGES, Emerson. Entrevistado. In: UM TOM DE RESISTÊNCIA. **Debate sobre a natureza das Escrituras Sagradas**. TV 247, 2021. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ckGM3uwlcj4?si=4orgQN6XAgKRKtqh> Acesso em: 28 de jul. 2025.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. **A leitura da criação e da antropologia teológica a partir das relações de gênero**. Interações, Belo Horizonte, v. 7, n. 11, p. 147-163, 2013. Acesso em: 15 de jul. 2025.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A teologia ecofeminista e sua perspectiva simbólico/cultural. Horizonte, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1395-1413, out./dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1395> Acesso em: 8 de jun. de 2025.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. **Ecofeminismo e comunidade sustentável**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 11-34, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v23n1/0104-026X-ref-23-01-00011.pdf> Acesso em: 10 de junho. 2025.

GEBARA, Ivone. Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião, São Paulo: Olho d'Água, 1997, p. 28–29. Disponível em: <https://archive.org/details/363876640TEOLOGIAECOFEMINISTA/page/n9/mode/1up>

Acesso em: 9 de jun. 2025.

HOORNAERT, Eduardo. **Ecofeminismo e imaginário cristão**. Mandrágora, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 20, p. 45-58, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5166>
Acesso em: 9 de junho.2025.

LAHAYE, Beverly. **A mulher controlada pelo Espírito**. São Paulo: Editora Vida, 1981. Disponível em : <https://pt.scribd.com/doc/210261022/Tim-Beverly-LaHaye-A-mulher-controlada-pelo-Espirito>
Acesso em: 15 de julho. 2025.

MEZAN, Renato. Freud, pensador da cultura. São Paulo: Blucher, 2019.

PEACE, Martha. **Esposa Excelente: Uma Perspectiva Bíblica**. São Paulo: Editora Fiel, 2009. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_MkHVwqmc-NYVJNcUNPZzlRMUU/view?usp=drivesdk&resourcekey=0-RhLmGIMUyAjMSz9jhLvscg
Acesso em: 4 de jul. 2025.

REIMER, Haroldo. Hermenêutica ecológica de textos bíblicos (2006). **Revista Brasileira de Teologia**, Rio de Janeiro, nº 3, p. 20-35, 2005. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=1259>
Acesso em: 24 de jun. 2025.

RICHTER REIMER, Ivoni. As Teologias e Práticas Políticas dos Movimentos (Eco)Feministas. Caminhos, Goiânia, v. 17 (Especial), p. 120-137, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7489/4272>
Acesso em: 1 de jul. 2025.

RICHTER REIMER, Ivoni. **Poder como serviço: Uma leitura crítica de poder a partir do Novo Testamento**. In: CONCILIUM, v. 386, p. 35-44, 2020.

RICHTER REIMER, Ivoni; LEMOS, Carolina Teles. Apresentação: religião, espiritualidade e saúde. Revista Caminhos – Journal of Religion Sciences, v. 18, n. 1, p. 4–12, 2020. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8061>
Acesso em : 28 de jul. 2025.

RUETHER, Rosemary Radford. **Ivone Gebara: Teóloga Ecofeminista LatinoAmericana**. Mandrágora, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 20, p. 175-185, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5177>
Acesso em: 10 de julho. 2025.